

## VULTOS ESQUECIDOS DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

(Introdução ao livro — O Fico — Minas e os Mineiros na Independência)

SALOMÃO DE VASCONCELLOS

O Brasil republicano tem conservado até hoje em injusto ouvido o nome e a memória de muitos dos seus gloriosos filhos, que foram *magna pars* no grande movimento nacionalista de 1821 — 1823.

O primeiro, sem dúvida, no que se refere à contribuição de Minas Geraes, pode-se dizer o excelso patriota, depois diplomata, conselheiro de Estado e parlamentar, que foi José Joaquim da Rocha.

O brilhante e oportuno papel representado por esse ilustre brasileiro na conquista da nossa liberdade política não o consagra apenas um cooperador comum na grande jornada emancipadora da nossa pátria. O Instituto Histórico Brasileiro, pela voz de um dos seus mais conspícuos membros; o testemunho insuspeito é valioso de quantos com elle colaboraram naquelle momento pelo supremo ideal da libertação da pátria; a Historia, emfim, pelos seus mais consagrados escritores dos primeiros tempos — proclamam-no, por verdade, *o primeiro e o mais ousado motor da Independência do Brasil*.

Nasceu José Joaquim da Rocha no districto de Antonio Pereira, em Mariana, em 1777, sendo filho de D. Joanna Theodora Ignacio Xavier e sobrinho pelo lado materno do Inconfidente, dr. José Alves Maciel, e do Marquez de Queluz, João Severiano Maciel da Costa.

Inteligente e culto, com decidido pendor para as letras jurídicas, destinava-se a seguir para Coimbra com o seu tio, João Severiano, quando lhe sobreveio o casamento com D. Maria Joaquina de Souza, deixando, por isso de seguir e se tornando habil advogado em Mariana, apesar de não ser diplomado, como não fôra Rebouças.

Com o espirito assim formado no seio dos Inconfidentes, era natural que se tornasse desde logo um dos sonhadores prematuros da liberdade conseguida em 1822, de que foi, com effeito, um dos mais dedicados e fervorosos paladinos.

Em 1808 partia da tradicional cidade de Mariana, com destino ao Rio de Janeiro, o jovem e modesto advogado, José Joaquim da Rocha, que se tornou mais tarde, por sua energia cívica e por atos inequívocos do seu patriotismo, uma das mais nobres e simpáticas figuras da Independência da nossa pátria.

Amigo da liberdade contra a tirania, patriota sincero, colocando acima de tudo a felicidade de sua terra, desde que se estabeleceu no Rio de Janeiro pôs-se a serviço da campanha nacionalista, então já palpitante no seio brasileiro, e sua atuação nessa fase, ao lado de outros egregios patriotas, foi das mais decisivas e eficientes, em prol da emancipação nacional.

No ambiente sereno das primeiras lojas maçônicas que se fundaram na Capital da Colônia, como nas agitações populares dos primeiros instantes, no movimento constitucionalista de 1820, na preparação do Fico, no dia 7 de Setembro, na Acclamação e na Constituinte, em todas essas etapas sucessivas da formação da nossa pátria, foi sempre José Joaquim da Rocha figura de grande relevo, agente indispensável e presente, órgão autorizado, cuja ação pessoal e destemida por vezes se estendeu até ao encontro pelas armas no campo da luta.

Em 1812 — José Bonifácio ainda empolgado com seus triunfos científicos e literários nas catedras de Coimbra; José Clemente Pereira a esse tempo guerrilheiro em Portugal contra as hostes napoleônicas; Joaquim Gonçalves Ledo emprestando ainda o brilho inicial de sua inteligência aos mistérios da burocracia; Frei Francisco de Jesus Sampaio censor-episcopal e capelão-mór do monarca; Januario da Cunha Barbosa com toda sua atenção absorvida ao serviço do pulpito católico e do magisterio — já o abnegado marianense, no seio do primeiro templo maçônico por ele mesmo fundado com outros denodados brasileiros, sonhava e conspirava pela libertação da pátria.

Naquelle ano, com efeito, segundo rezam as crônicas históricas, ergula-se em um recanto afastado da Praia Grande, hoje Niterói, a loja *Distinctiva*, da qual faziam parte, como membros proeminentes, José Marianno de Albuquerque Cavalcanti, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, José Joaquim da Rocha, padre Belchior Pinheiro de Oliveira, Luiz Pereira da Nobrega e outros, e cujo fim, segundo Mello Moraes, cronista do tempo, era francamente pela libertação do Brasil do jugo português.

Pouco fez, é verdade, essa loja, logo depois amordaçada por D. João VI. Esse pouco, porém, foi o suficiente em idealidade e estímulo, porque foi do esforço posterior dos seus membros e da inquebrantável tenacidade desenvolvida por cada um deles e por outros eminentes patriotas, que nasceu e se dilatou pelo futuro o fecundo trabalho da Inde-

pendência nessa primeira fase. Dois de seus membros, José Marianno Cavalcanti e Antonio Carlos de Andrada, seguiram rumo ao norte e ali chefiaram, como se sabe, a revolução pernambucana de 1817, que repercutiu rapidamente pela Parahyba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Bahia, e que só malogrou pela falta de recursos bellicos, em contraste com os meios fartos monopolizados pelo monarca português. O outro membro, José Joaquim da Rocha, permanecendo no Rio de Janeiro, ali, ao lado de Nobrega, de Januario Barbosa e outros eminentes proceres do movimento, tornou-se parte influente em todas as manifestações separatistas, agindo desassombadamente no próprio seio da Metrópole, às vistas do governo e em época ainda tão próxima do negro episódio da Inconfidência. Finalmente, Belchior Pinheiro de Oliveira, o outro proeminente membro da loja da Praia Grande, foi, como se sabe, o companheiro de D. Pedro até às margens do Ypiranga e ali, no momento decisivo, quando ainda hesitante o nosso príncipe, tornou-se o principal concitador para o brado histórico de 7 de Setembro.

Foi, portanto, incontestavelmente, a loja da Praia Grande o augusto cenáculo de onde partiu, desde os primeiros momentos da estada da Família Imperial em nosso seio, todo o pensamento libertário e toda a força eficiente, até à hora decisiva da emancipação da pátria.

Bastava, entretanto, recordar apenas o episódio do Fico de 9 de Janeiro de 22, erradamente atribuído em máxima parte a José Clemente Pereira, simples convidado da véspera e relutante, para se ver que a justiça da história não poderá reverter senão em favor do insigne patriota mineiro José Joaquim da Rocha, seu principal promotor, como tal reconhecido pelo próprio general Avilez no relatório enviado à Lisboa naquele momento; e o Fico de 9 de Janeiro, na frase do Visconde de Cayrú, foi a aurora de nossa Independência, o marco da nossa liberdade, o início do nosso governo representativo.

Conta, com efeito, Mello Moraes (1) que, mal se tornaram conhecidos no Rio de Janeiro os celebres decretos recolonizadores do Brasil, chegados de Lisboa na tarde de 9 de dezembro de 21 pelo Bergantim de guerra *D. Sebastião*, José Joaquim da Rocha, sabendo na rua da existência desses decretos, parte imediatamente para sua casa, à rua da Ajuda; ali convoca os patriotas e, vendo nessa medida que o Brasil, depois de se haver ostentado perante as nações cultas como Reino Unido a Portugal, não podia novamente passar à condição de Colônia portuguesa, tendo já transformado a sua casa em *Club de Resistencia*, ali conserta *Incontinenti* com seus amigos as principais providências tendentes a evitar, não só o regresso do Príncipe, como a supressão dos tribunais, e outras medidas

(1) Mello Moraes — «Brasil — Reino»

humilhantes impostas pelas Côrtes de Lisboa naqueles decretos. Escreve em seguida a José Bonifácio e Martim Francisco, (2) em S. Paulo, pedindo a adesão da Junta Governativa daquela provincia em favor do patriótico movimento do *Club de Resistencia*, sendo portador dessa mensagem Pedro Dias Paes Leme, depois marquês de Quixeramobim.

Envia outro emissario politico a Minas Geraes, o jovem Paulo Barbosa da Silva. E abre franca correspondencia com o interior do Rio de Janeiro e de Minas, no mesmo e patriótico empenho, pondo toda a sua fortuna particular ao serviço da nobre causa.

Chega, sem demora, em consequencia dessas providencias, a celebre representação de São Paulo, de 24 de dezembro, ao mesmo tempo que outras como as de Barbacena, Queluz, Sabará, São João d'El-Rey, Mariana e outras, vão ter tambem ao Rio de Janeiro.

Entendem-se os patriotas com o Principe e dele obtem o compromisso previo de atender aos reclamos da patria no caso de virem essas representações. Redigem, em seguida, a decisiva representação de 29 de dezembro, que consegue em poucas horas 8 mil e tantas assinaturas, e afinal, marcado para 9 de Janeiro o grande evento, convidam a José Clemente Pereira, na qualidade de presidente do Senado da Camara para orador da solenidade, e na manhã daquela dia memoravel dirige-se, deante de grande massa popular, ao Paço da Cidade, e conseguem do augusto fundador a frase historica, consubstanciada no Fico primeiro passo para a Independencia do Brasil, porque com o evento, libertario de 9 de Janeiro, abriu-se definitivamente a larga e gloriosa estrada que nos devia conduzir, em breves dias, á epopéa esplendente do Ypiranga!

Foi, pois, inegavelmente, o *Club de Resistencia*, e dentro dele a figura magna de José Joaquim da Rocha, com seus denodados companheiros, que prepararam e lavaram a efeto esse primeiro passo, do qual resultaram os fundamentos da nossa Patria.

A justiça da Historia, por isso, já o proclamou, no dizer de Xavier da Velga, *o mais influente, o mais activo e o mais ousado* impulsor do grande movimento nacional, e na frase não menos concetuosa do Barão de Santo Angelo, — *foi elle o primeiro motor da Independencia do Brasil*.

Não ficaram, porém, at os serviços inestimaveis do grande brasileiro. Proclamado o «Fico», quando a 11 de Janeiro a Tropa Auxiliadora, a mando do general Avilez, pretendeu um golpe de força, para obri-

(2) O original desse importante documento historico, segundo nos informa, nas suas Conferencias da Gloria, o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, acha-se na Bibliotheca da Faculdade de Direito de S. Paulo.

gar D. Pedro a desmanchar o Fico ou seguir preso para Lisboa, do alto do Morro do Castello as peças de Artilharia visavam de preferencia a casa de José Joaquim da Rocha e Avilez déra ordem terminante aos belguins portugueses de prenderem tambem de preferencia «o celebre *rabula Rocha, cabeça principal do movimento*», sendo, porém, frustada essa ordem, porque a esse tempo o patriota, em companhia de seus filhos, Juvencio e Innocencio da Rocha Maciel, e de seu irmão, coronel do Exercito Brasileiro, Joaquim José de Almeida, se achava no Campo de Sant'Anna, á frente do povo, de armas em punho, para oferecer resistencia á tropa portuguesa.

Além, portanto, de fazer o «Fico», José Joaquim da Rocha o consolidou denodadamente, no campo da luta.

Deputado escolhido por Minas ás Côrtes de Lisboa no momento em já estava com o seu espirito empolgado pela causa da Independencia, a ele, como diz Sisson (3) se deve a lembrança do celebre officio, dirigido pela deputação mineira á Junta Governativa de Minas Geraes, pelo qual toda deputação recusou partir para Lisboa, por não quererem os nossos representantes ir engrossar as bancadas de um Parlamento que só achincalhes e menosprezos dirigia á nobre Colonia americana.

Permanecendo dest'arte no Rio de Janeiro, com isso firmou o depois Conselheiro Rocha, no dizer de J. M. de Macedo, (4) a sua maior gloria, tornando-se, como se tornou, um dos maiores paladinos da causa brasileira, com a Independencia.

Na Constituinte brasileira foi tambem figura de grande relevo, tomando parte, eficiente embora sempre recolhido dentro da sua proverbial modestia, nos debates mais instantes e se colocando ao lado dos Andradas, de quem era dos mais dedicados amigos, sendo com eles enviado ao exilio quando da dissolução intempestiva da Assembléa.

Outros muitos e valiosos serviços prestou á sua Patria no agitado periodo da nossa emancipação politica e, sendo mais tarde escolhido nosso Ministro Plenipotenciario junto á França e depois em Roma, ainda nesse cargo serviu ao seu pais com decidido patriotismo e grandes lustres.

Regressando á patria já velho e pobre — elle que consumira toda sua fortuna ao serviço da Independencia, — faleceu no Rio de Janeiro em Julho de 1848, tendo recebido como unica recompensa, nos seus ultimos dias de vida, a irrisoria pensão de 100\$000 por mês, que todavia lhe deferiu o magnanimo Pedro II; e como homenagem no dia de seu sepultamento em cova comum, uma corôa de louros que lhe mandou o Instituto Historico Brasileiro.

(3) Sisson — («Galeria, na Bibliotheca Nacional»)

(4) J. M. de Macedo — («Anno Biographico»)

Mas permanece até hoje, no esquecimento, a memória augusta de tão egregio Brasileiro, não tendo o seu nome até hoje emblema do portico da mais modesta escola pública, nem lhe dando a própria terra do seu nascimento, a invicta Mariana, a honra de fazer figurar em um trecho secundário de suas ruas ou praças o nome sobre todos benemerito de seu augusto filho e grande patriota.

O padre Belchior Pinheiro de Oliveira, o Conselheiro Paulo Barbosa da Silva, o Marquês de Quixeramobim, o Conselheiro Pedro Dias Paes Leme, o coronel de caçadores, Joaquim José de Almeida, o Visconde de Caeté, Juvencio da Rocha Maciel, Innocencio Maciel da Rocha — mineiros todos, companheiros de José Joaquim da Rocha e que com ele se dedicaram à obra da Independência, — taes outros vultos illustres, cheios de serviços à Pátria e sobre cuja memória não se fez ainda a devida justiça.

E' a todos esses egregios brasileiros que dedicamos o nosso modesto trabalho, sahido recentemente das oficinas da Companhia Editora Nacional de S. Paulo.

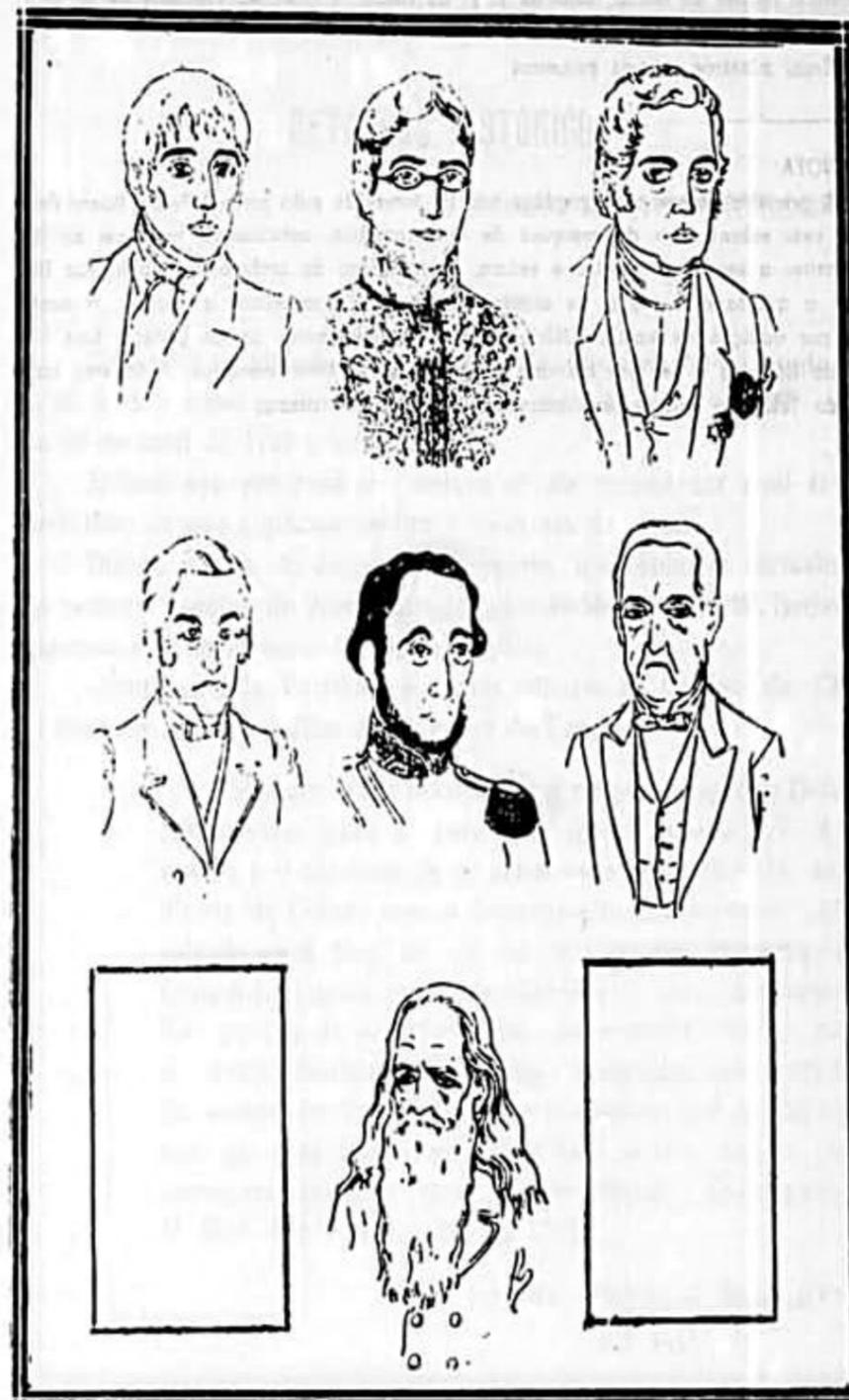
Façamos-lhes ao menos a justiça da História.

(Vide gravura da pagina seguinte)

### O FAMOSO "CLUB DE RESISTENCIA" DO RIO DE JANEIRO

Que promoveu e realizou o "FICO" historico de 9 de Janeiro de 1822

(Os 9 primitivos socios)



De cima para baixo: 1.º Pedro Dias Paes Leme (depois Marquez de Quixeramobim) — o emissario político do "club" enviado a S. Paulo para conseguir a adhesão da Provincia ao movimento iniciado no Rio de Janeiro; 2.º, José Joaquim da Rocha, fun-

dador do "club" á rua da Ajuda n.º 37 (sua residencia) — depois Conselheiro de Estado, Diplomata e Parlamentar; 3.º, Paulo Barbosa da Silva (depois Conselheiro de Estado), o emissario enviado a Minas; 4.º Juvencio Maciel da Rocha, filho de José Joaquim da Rocha; 5.º, coronel Joaquim José de Almeida, irmão de J. J. da Rocha; 6.º, Innocencio Maciel da Rocha, filho de J. J. da Rocha; 7.º, A. M. Vasconcellos de Drumond (depois Conselheiro de Estado).

Eram mineiros os seis primeiros.

**NOTA:**

A primeira dessas photographias nos foi fornecida pelo coronel Pedro Bueno Paes Leme, neto sobrevivente do marquez de Quixeramobim, actualmente residente no Rio de Janeiro; a segunda, terceira e setima, reproduzidas do archivo da Bibliotheca Nacional; a quarta e a sexta, do archivo de Diogo Vasconcellos; a quinta, reconstituída por tradição de familia. Não encontramos infelizmente as do general Luiz Pereira da Nobrega e de José Mariano de Azevedo Coutinho, membros fundadores tambem do "club" e que deviam completar o quadrinho acima.

